

O projeto “O falar torpe na linguagem oral da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul” (TURPILÓQUIO), coordenado por Vitalina Maria Frosi, tem como objetivo estudar a linguagem torpe como expressão étnica e elemento cultural ítalo-brasileiro. A presente pesquisa tem como objetivo analisar o tabu linguístico nas entrevistas realizadas com descendentes de italianos que moram na região da 4ª Léguas (zona rural de Caxias do Sul), visto que há, nas amostras, significativa presença de blasfêmias. Sabendo que ações ou palavras proibidas refletem costumes e visões de uma determinada sociedade, a ofensa às coisas santas, numa comunidade de religiosidade marcante como a ítalo-brasileira, configura a ambivalência característica do tabu. A metodologia previu pesquisa de campo, através de um roteiro semi-estruturado, havendo em seguida tabulação e análise dos dados coletados. O *corpus* contou com vinte informantes, dez homens e dez mulheres de três faixas etárias distintas (dezoito a trinta anos; trinta a cinquenta; e cinquenta anos ou mais), a fim de retratar como este tabu se apresenta em cada fase. Verificou-se que é forte a presença do tabu, pois muitas expressões em linguagem torpe aparecem na forma de eufemismos ou outras figuras retóricas, que funcionam como atenuantes da ofensa. Notou-se ainda grande receio de falar sobre o assunto, principalmente no caso das blasfêmias, e até o fato de alguns informantes considerarem essa linguagem proibida (o que configura um tabu linguístico). No entanto, todos afirmaram que fazem uso dessa forma de falar, não só para desafogo, mas também para exprimir tristeza, inconformidade, surpresa, e até mesmo alegria. Isso evidencia que esse tabu que sempre foi tão marcante na cultura da região, perdeu impacto na fala dialetal italiana da RCI, hoje: às vezes a blasfêmia não é vista como ofensa, mas como um marcador de fala.